



CARTEIRA DE MOTORISTA

Patrícia acabara de completar 18 anos, e decidiu que agora realizaria seu maior sonho: tirar sua carteira de motorista. Não importava quais dificuldades tivesse, enfrentaria todas, só para poder dizer-se MOTORISTA.

Cerca de uma semana após ganhar a maioridade, Patrícia matriculou-se numa auto escola da cidade em que morava. E, rapidamente, já agendou suas aulas para todos os seus horários de folga entre o trabalho e a faculdade.

Começaram-se as aulas. Primeiro a parte teórica: direção defensiva, primeiros socorros e outras. Psicotécnico, exame médico. Tudo foi fácil e passou rapidamente. Iniciaram-se, então, as aulas práticas.

No primeiro dia, teve aula de moto. Patrícia nunca havia pilotado uma moto, e só havia andado de carona quando chamava um moto-táxi. O medo era grande, a boa vontade da instrutora era pequena. A dita “instrutora” mostrou onde eram o acelerador, as setas, o freio, a embreagem e a partida elétrica, perguntou se Patrícia já havia pilotado uma moto antes e diante da negativa disse:

- Bom, se você nunca andou de moto, é melhor não começar a andar na pista de cones e manobras senão vai atrapalhar os outros alunos que estão fazendo aula. Portanto, fique dando voltas aí na calçada até você pegar o jeito com o acelerador.

Sem alternativa, Patrícia concordou. Andou, andou, andou sobre o concreto estupidamente quente da calçada, sob o sol de meio-dia. Decorrido o período de uma hora, a garota deveria parar a moto para que a instrutora assumisse a direção e conduzisse a mesma até em casa novamente. Mas ao tentar parar... Foi tudo muito rápido, Patrícia olhava para a instrutora à sua frente, olhava para os controles da moto, apertou o freio, foi tentar colocar o pé no chão, mas a moto - de um modelo bastante pesado para ser conduzida a baixas velocidades - caiu, e a aluna caiu junto. Por sorte, Patrícia conseguiu tirar a perna antes que a moto caísse sobre ela, senão teria um osso fraturado com certeza. Porém, apenas a embreagem se quebrou, e a instrutora deu-lhe aquela bronca, pois a auto escola obrigava os instrutores a arcarem com as despesas provocadas por acidentes de alunos. Diante disso, Patrícia decidiu: continuaria tentando, porém não com aquela instrutora.

No dia seguinte, aconteceu a primeira aula de carro. Para surpresa de Patrícia, não havia naquele dia e naquele horário nenhum instrutor disponível, e para manter o nome da empresa, o próprio dono decidiu dar a aula para ela. Eis aí uma grande oportunidade para falar sobre a queda do dia anterior.

O novo instrutor ficou atônico com o relato do incidente, e disse que não deixaria mais aquela pessoa dar aulas para Patrícia. A aula neste dia foi satisfatória. O instrutor era paciente, e bastante atencioso, e só por saber que não precisaria enfrentar aquela “cobra” do dia anterior já era um grande alívio.

As próximas aulas também foram satisfatórias, os instrutores foram trocados, o medo da moto foi passando, os testes com balizas foram ficando mais fáceis, e o trânsito já não era um bicho-de-sete-cabeças.

Até que chegou o dia do exame. Nervosismo, mãos geladas, insegurança, dor-de-cabeça, calor. Com tantas sensações ao mesmo tempo fica difícil controlar as emoções.

O exame inicial era o de carro, na parte de percurso. Patrícia observava os primeiros examinados. A cada vez que os carros retornavam o que se via era: alegria e vibração, decepção e até choro. Tudo aquilo só deixava Patrícia ainda mais nervosa. Seria ela mais uma a vibrar? Ou mais uma a chorar? E se não conseguisse? Teria de



esperar um mês até o próximo exame, além de gastar seus preciosos reais em mais aulas.

Chegou a vez de Patrícia. O instrutor chamou a garota. Ela combinou com os demais colegas que ela seria a primeira examinada. Entraram no carro. A aluna colocou o cinto de segurança e pediu aos outros ocupantes que o fizessem também. Verificou os retrovisores, assim como o instrutor havia ensinado. Deu a partida, acelerou o carro um pouco mais do que devia, era o medo de afogar, e a aceleração não contava ponto. O examinador mandou virar à direita, ela virou à esquerda. Tudo bem, era o nervosismo e o “carrasco” do examinador também percebeu isso. Ele pediu novamente que ela virasse à direita, e dessa vez ela virou corretamente. Mandou encostar, sair com o carro, encostar novamente, sair, levou-a até uma movimentada avenida, mandou encostar, sair. E o nervosismo aumentando, Patrícia já estava tremendo. Mandou que fizesse um retorno, e nesse momento, a menina que não havia feito nenhum retorno nas aulas de prática, fez tudo certo, com exceção das setas que deveria ter dado. Já sabia, estava reprovada. O segundo aluno entrou no lado do motorista confiante, mas após uma quadra o examinador mandou parar, disse que ele não usava o cinto de segurança e que a porta estava aberta. Reprovado. O terceiro aluno rapidamente colocou o cinto de segurança, saiu sem ligar a seta e, se não fosse a intervenção do examinador, teria atropelado um motociclista. Reprovado.

Que dia!!! Bom, mas ainda tinha o exame de moto.

Ao chegar no local onde se faziam os exames de moto, Patrícia percebeu que quem orientava todos os alunos era aquela sua primeira instrutora, a “cobra” do dia da queda. Bom, isso não interferiria em nada, quem examinaria não era ela e sim os examinadores. Ali, novamente as mesmas emoções, choro, alegria, vibração. Patrícia pegou a moto, entrou na pista, passou perfeitamente pelas curvas em forma de oito, pelos cones, fez a curva em forma de zero, contornou os demais quatro cones, fez algumas pequenas manobras, e chegou na linha do PARE, e parou. Estava praticamente aprovada, só faltava acelerar e sair para a comemoração, foi aí que a moto afogou. Reprovada.

Depois deste triste dia, Patrícia decidiu tentar a aprovação em um quesito de cada vez, e começaria pela moto, e fez mais aulas. No exame seguinte, estava novamente nervosa, e ao contornar os quatro últimos cones não conseguiu controlar a moto e saiu da pista. Reprovada. Mais um mês e outro exame, mas com poucas aulas, a jovem não tinha mais tanta precisão, e ao fazer o oito colocou o pé no chão. Novamente, reprovada. Era inacreditável, Patrícia já tinha feito três exames e reprovado, o próximo seria diferente. Mais aulas e dedicação. Ela percebeu que quanto mais esperava e via os colegas reprovando e sendo aprovados, mais nervosa ficava. E decidiu que seria uma das primeiras a fazer o teste. Chegou o dia, tudo saiu perfeito, e finalmente, a comemoração. Teve até cerveja e churrasco em casa à noite.

Agora faltava só o carro, uma etapa estava concluída. Foram, então mais aulas. E depois de um mês, chegou novamente o dia do exame. Patrícia fez como no exame de moto, foi uma das primeiras a entrar no carro, e foi a primeira dos três alunos a dirigir, dessa vez acertadamente pela direita. O percurso foi curto, o examinador, embora exigente, era bem compreensivo. Tudo deu certo, após virar à direita, encostou, saiu, virou à esquerda, encostou novamente. Não perdeu nenhum ponto, só faltava a baliza. Dos demais alunos, um foi para a baliza também, e o outro não conseguiu fazer a curva para a esquerda, por pouco não subiu no meio-fio, e foi reprovado.

No exame de baliza, mais nervosismo, se não conseguisse em três minutos manobrar o carro para frente, para trás e estacionar na lateral, estaria reprovada e teria



que esperar o próximo exame, e fazer um novo percurso. Mas, após algumas palavras com o então examinador, tudo se tranqüilizou, ele disse:

- Você fez tudo certo no percurso, a baliza vai ser moleza, não fique nervosa que vai dar tudo certo.

E deu. As manobras no carro foram perfeitas. Após terminar, Patrícia olhou para o examinador, já com vontade de comemorar, quando ele disse:

- Agora tira o cinto e pode sair.

Patrícia pôs a mão na trava do cinto, e foi aí que percebeu, não havia colocado o cinto de segurança. Que decepção! Desceu do carro, já começando a chorar. O examinador olhou para ela, e com um sorriso disse:

- Não precisa chorar. Você não perdeu nenhum ponto no percurso. A falta do cinto de segurança equivale a três pontos, o total permitido. Está aprovada.

A menina pulou de alegria, abraçou o examinador, os colegas, os instrutores, até a “cobra”, e foi embora radiante. Em um mês pegaria sua Carteira Nacional de Habilitação - CNH, a provisória ainda.

Pobre Patrícia!!! Nem sabe que agora é que começa seu aprendizado no trânsito, e que aquela CNH é apenas o primeiro passo. Terá agora que conviver com pessoas que, muitas vezes, não respeitam os direitos dos outros, não dão seta, dão seta à esquerda e viram para a direita, ultrapassam o limite de velocidade, não respeitam as placas, e etc. etc. Mas não desanimemos à garota, vamos deixá-la dar mais uma festa de comemoração em sua casa. E sentir-se, mais do que nunca, uma MOTORISTA.

Denise Ferreira Chimirri

28.10.2006